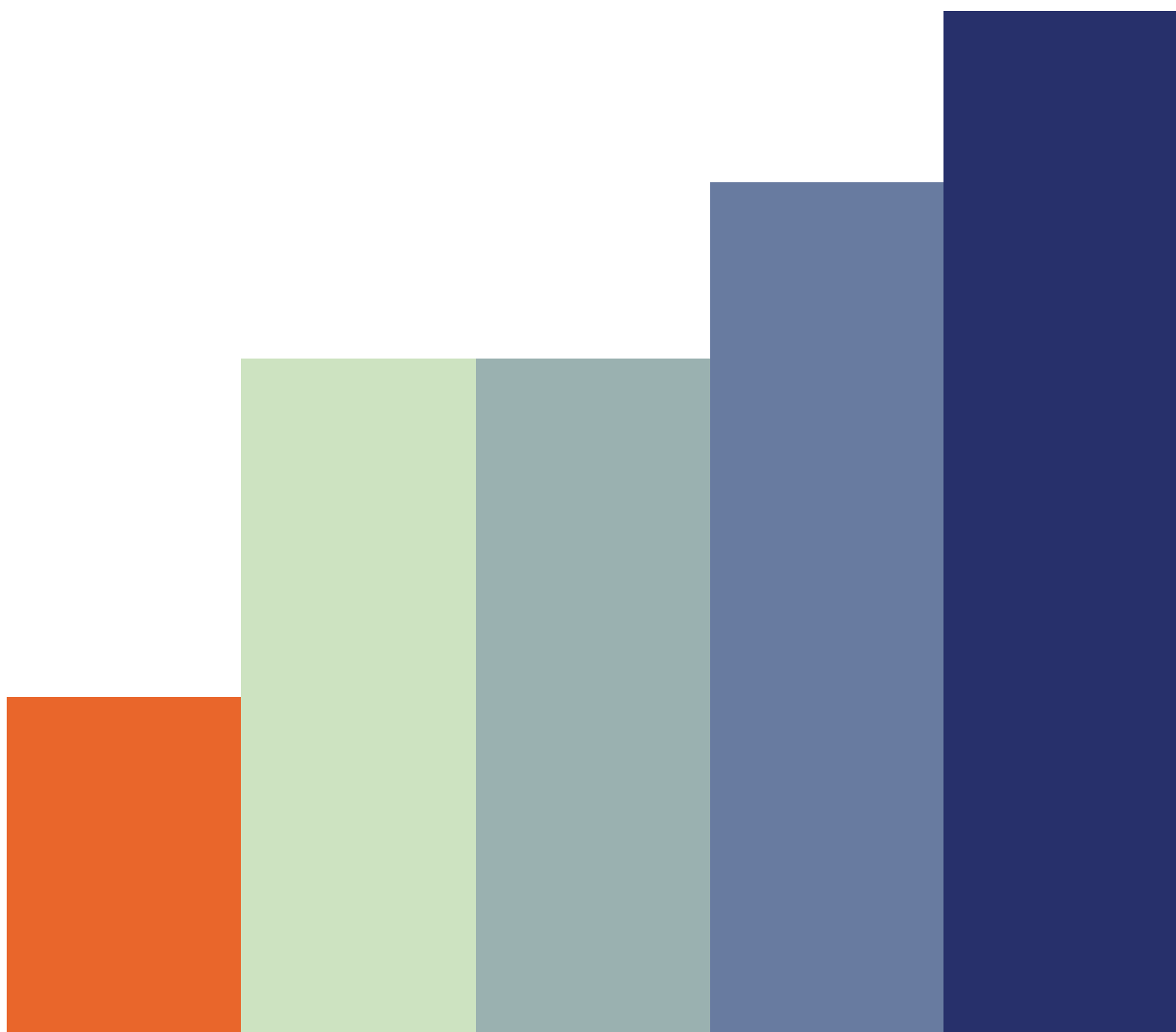


análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado



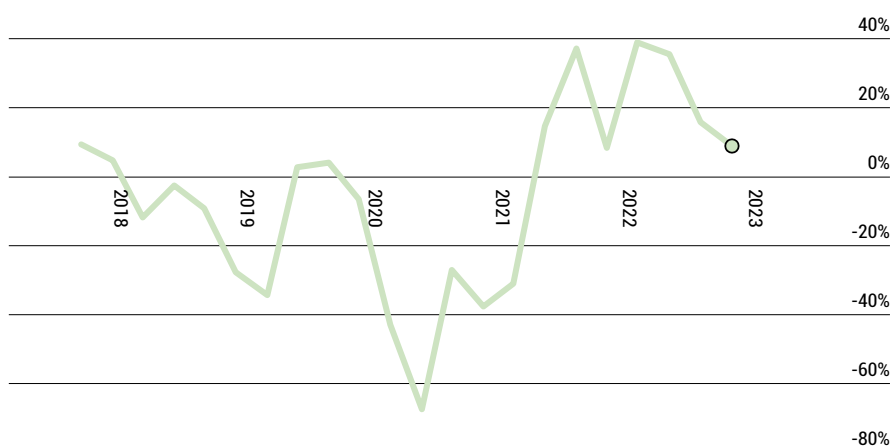
4^o
trimestre
2022

A evolução da conjuntura da indústria portuguesa de calçado dá sinais de abrandamento. As empresas continuam a considerar o estado dos negócios positivo, mas a percentagem das que o consideram melhor do que um ano antes tem vindo a diminuir de trimestre para trimestre. De uma maneira geral, as empresas de maior dimensão e com maior orientação exportadora fazem uma apreciação da situação mais favorável do que as restantes.

No quarto trimestre do ano, a produção e o emprego ainda evoluíram positivamente, mas a carteira de encomendas teve uma evolução menos favorável do que em trimestres anteriores. Também a tendência para subida dos preços atenuou, quer em Portugal quer nos mercados externos. A percentagem de empresas que afirmam debater-se com escassez de encomendas está a aumentar, mas as preocupações empresariais são ainda lideradas pelo preço das matérias-primas e pela escassez de mão-de-obra qualificada. Refletindo a evolução da carteira de encomendas, as previsões dos inquiridos apontam para uma ligeira diminuição da produção, no início de 2023, e uma estabilização do estado dos negócios num nível satisfatório.

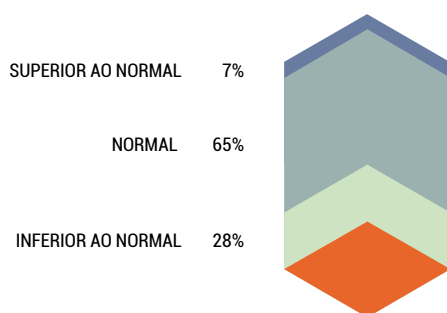
produção

No quarto trimestre de 2022, 44% das empresas da indústria portuguesa de calçado declararam que o seu nível de produção estabilizou e as que conseguiram um aumento da produção excederam as que sofreram uma diminuição em 10 pontos percentuais (p.p.), o saldo de respostas extremas (s.r.e.) mais baixo do último ano. As empresas de maior dimensão (mais de 250 trabalhadores) fazem um retrato mais favorável da situação e destacam-se das restantes, atingindo um s.r.e. positivo de 50 p.p.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

utilização da capacidade

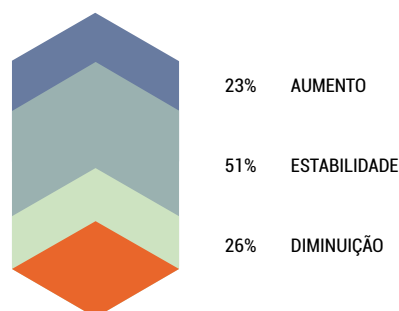


Quase dois terços das empresas (65%) consideram que a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. Quanto às restantes, as que indicam que a utilização da capacidade está aquém do normal foram em número superior às que dizem o contrário, gerando um saldo de respostas extremas de -21 p.p. Nesta matéria, as empresas com uma dimensão muito grande são as únicas que registam um s.r.e. positivo (+ 50 p.p.).

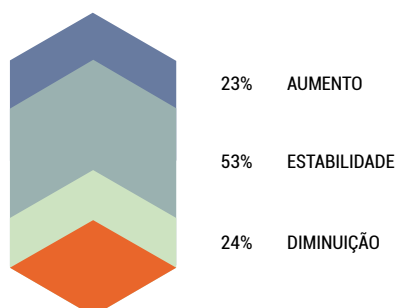
carteira de encomendas

A evolução da carteira global de encomendas foi menos favorável do que a da produção. Embora a maioria das empresas (51%) tenha indicado que a sua carteira se manteve inalterada, neste final de ano, verificou-se um agravamento do saldo de respostas extremas que regista um valor negativo de -3 p.p., o que não se verificava desde o início de 2021 (embora nesse período o s.r.e. tenha sido de -34 p.p.). As empresas de pequena e muito grande dimensão, bem como as orientadas para o mercado nacional, apresentam saldos positivos.

CARTEIRA DE ENCOMENDAS



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

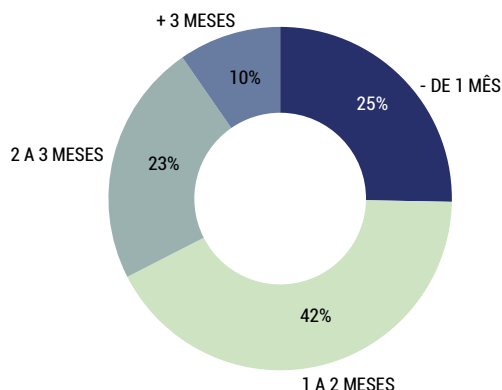


O panorama é semelhante em relação à carteira de encomendas do estrangeiro. Também neste caso, a resposta mais frequente foi a estabilidade, referida por 53% das empresas. Quase um quarto das inquiridas (23%) indicam que aumentaram a carteira de encomendas vindas do exterior. Todavia, as que indicam uma diminuição ficaram 1 p.p. acima das primeiras.

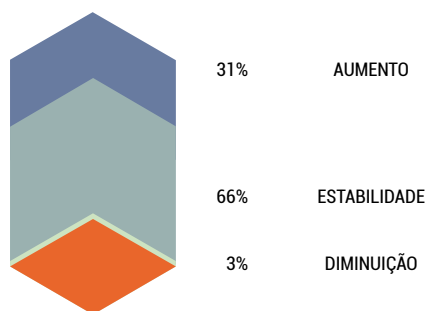
horizonte

No final do ano, um quarto das empresas dizia que a carteira de encomendas lhes assegurava menos de um mês de produção, a percentagem mais elevada desde meados de 2021. A percentagem das que diziam que tinham 1 a 2 ou 2 a 3 meses de produção garantida foi semelhante à do trimestre anterior, mas registou-se uma redução de 12 p.p. nas que afirmam ter mais de 3 meses de atividade garantida, que são agora apenas 10%. A carteira é mais favorável nas empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos.

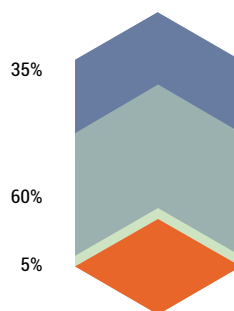
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



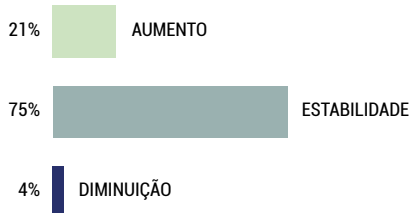
Também a tendência de subida dos preços aparenta algum abrandamento: embora muito elevados, os saldos de respostas extremas diminuíram consideravelmente, situando-se agora em +28 p.p. no que respeita ao mercado português e +30 p.p. no estrangeiro, o que representa uma redução de mais de 20 pontos percentuais em relação aos máximos atingidos no primeiro semestre. A larga maioria das empresas considera que os preços se mantêm estáveis, quer no mercado nacional (66%), quer no mercado externo (60%).

preços

peças ao serviço

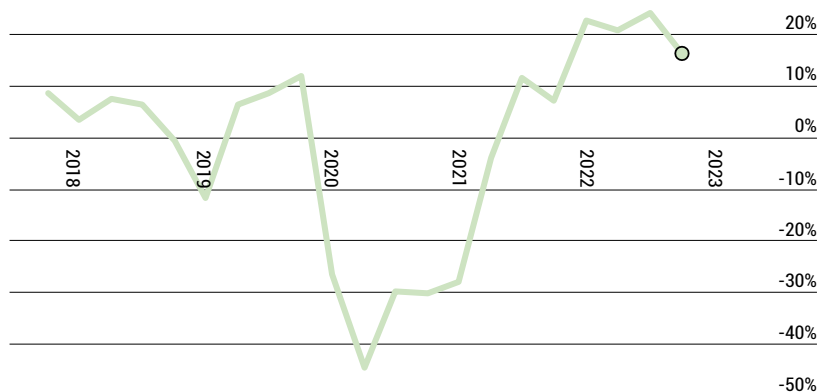
Onde não se verifica abrandamento é ao nível do emprego: as empresas que indicaram ter aumentado o número de pessoas ao seu serviço superaram em 17 p.p. as que disseram tê-lo diminuído, o segundo s.r.e. mais elevado de sempre, sendo este o sétimo trimestre consecutivo com tendência de aumento do emprego. No entanto, três em cada quatro empresas afirmam que o número de pessoas ao seu serviço não se alterou.

EMPREGO



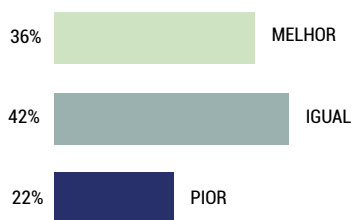
estado dos negócios

A apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios é apenas ligeiramente inferior à que vem sendo feita desde o início do ano: mais de um quarto das empresas inquiridas (29%) consideram que o estado dos negócios é bom e 59% entendem que é suficiente. Embora tenha descido 8 p.p. em relação ao trimestre passado, o saldo de respostas extremas mantém-se muito favorável (+17 p.p.).



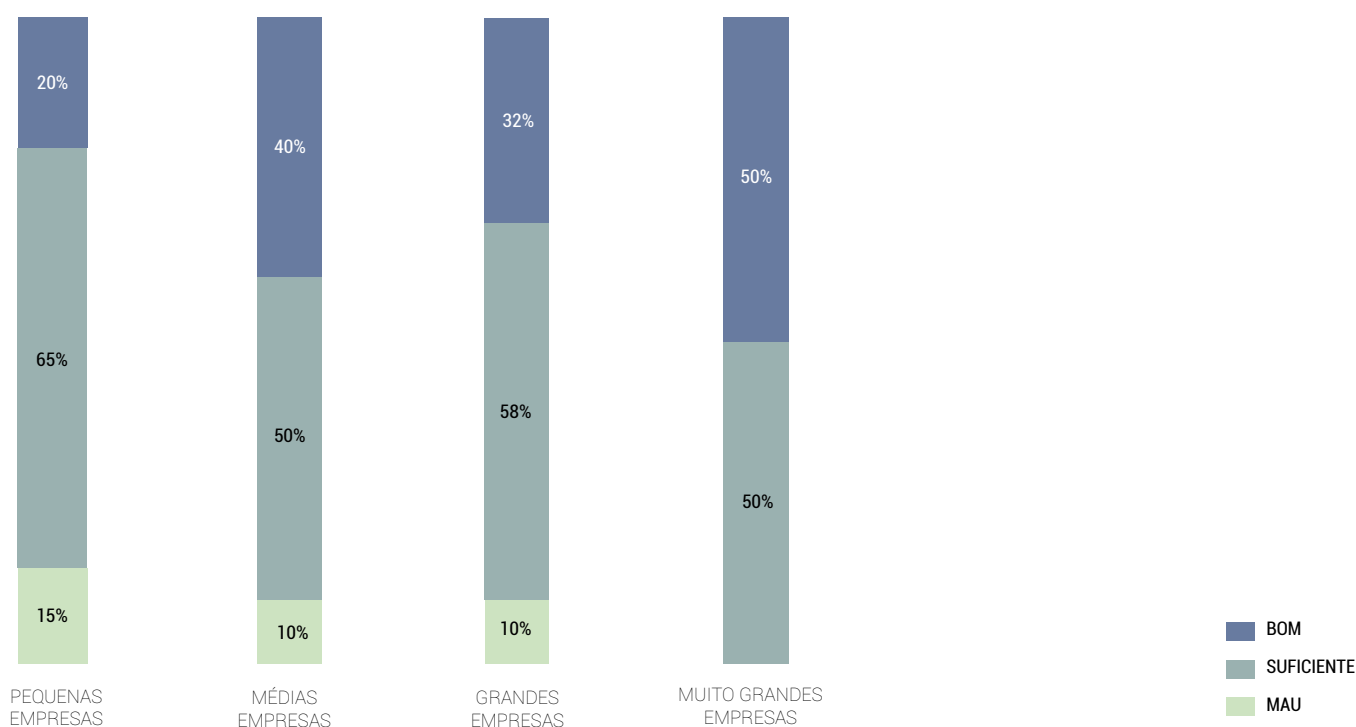
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO



Depois de atingir um máximo de 43 p.p. no primeiro trimestre, o saldo de respostas extremas relativas à comparação entre o estado dos negócios com o trimestre homólogo do ano anterior foi-se degradando progressivamente e terminou o ano de 2022 em 14 p.p., refletindo o abrandamento da conjuntura. 42% das empresas consideram que o estado dos negócios está igual ao que se verificava um ano antes.

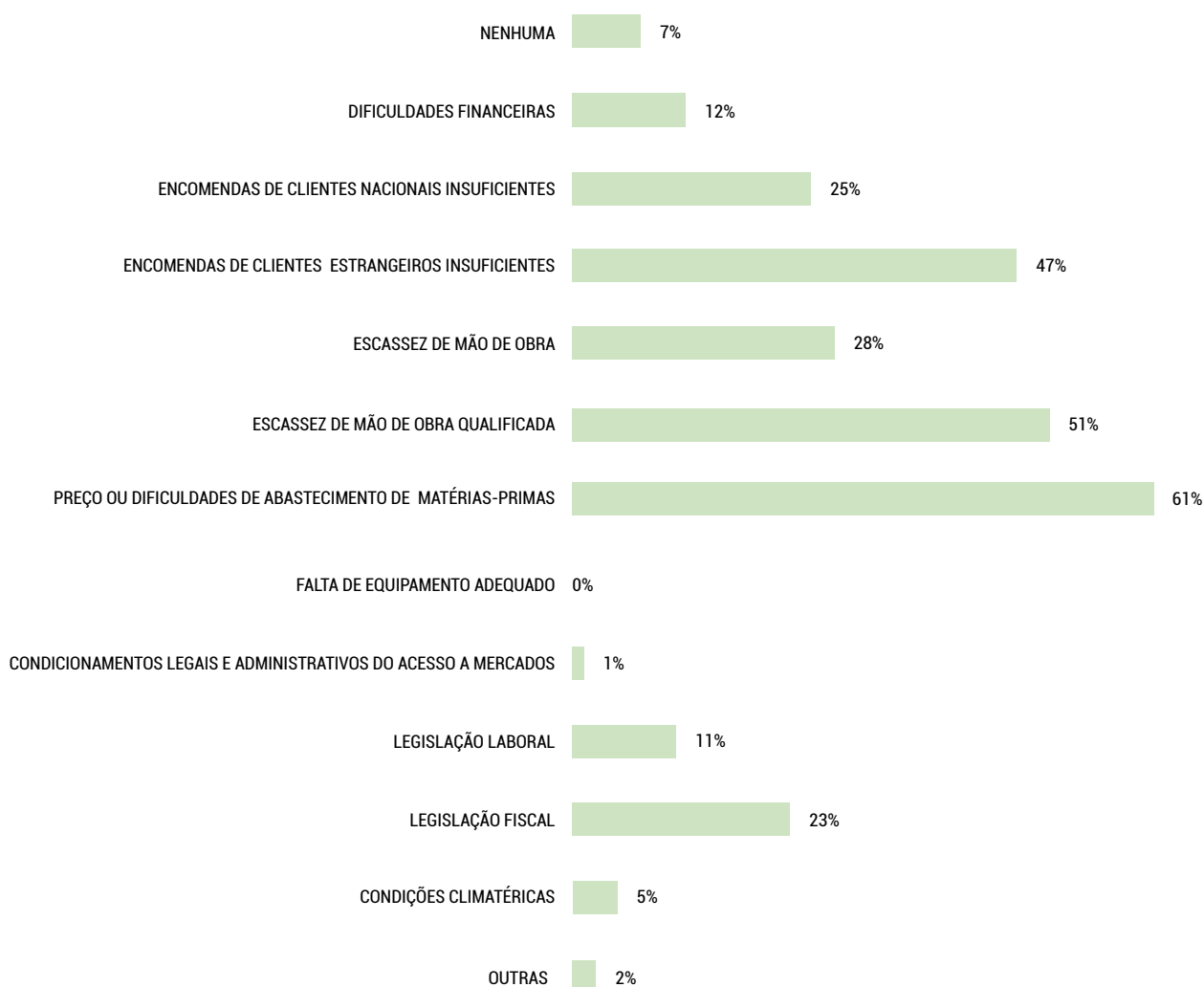
Todos os grupos de empresas apresentam um s.r.e. positivo quanto ao atual estado dos negócios. A apreciação da situação é tendencialmente mais favorável entre as empresas de maior dimensão: para as empresas mais pequenas o s.r.e. é de +5 p.p. enquanto para as médias e muito grandes é de +30 e +50 p.p., respetivamente. Na apreciação formulada por comparação com o ano anterior, as empresas com uma vocação fortemente exportadora destacam-se das restantes, apresentando um saldo de +30 p.p., enquanto as demais apresentam s.r.e. inferiores a 10 p.p.



limitações à produção e vendas

Neste final de ano, e pelo sexto trimestre consecutivo, o abastecimento e preço das matérias-primas mantém o primeiro lugar no rol de preocupações das empresas da indústria portuguesa de calçado, tendo sido referido por 61% das empresas. Esta dificuldade afeta as empresas de todos os escalões de dimensão, sendo apenas menos frequente entre as que têm mais de 250 trabalhadores. A escassez de mão-de-obra qualificada ocupa a segunda posição da lista de dificuldades que as empresas dizem enfrentar (51%), assumindo maior relevância para as empresas totalmente exportadoras. De assinalar, no entanto, que as referências a ambas estas dificuldades diminuíram face ao trimestre anterior. Diminuíram igualmente, de forma acentuada, as referências a escassez de mão-de-obra (de 48% para 28%).

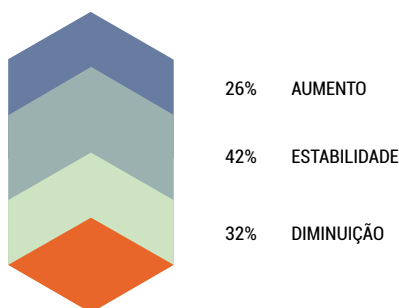
Em contrapartida, aumentaram as referências à insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (de 30% para 47%) e, também, de clientes nacionais (de 16% para 25%). A falta de encomendas vindas do exterior afeta principalmente as empresas médias e com vocação fortemente exportadora. Aumentou também, muito significativamente, a insatisfação com questões de natureza legal, sobretudo com a legislação fiscal, referidas por 23% dos inquiridos, que atingem o seu máximo histórico desde que se publica este Boletim. A alusão a situações de dificuldades financeiras diminuiu em 1 p.p. mas mantém-se em níveis historicamente elevados (12%). Em sentido inverso, aumentou, na mesma proporção, a percentagem de empresas que referem não sentir nenhuma dificuldade. As referências a outros tipos de dificuldades são escassas.



tendência da produção

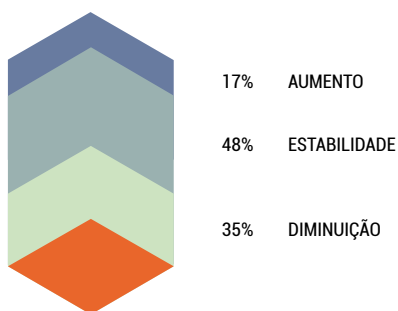
As perspetivas para os primeiros três meses de 2023 são de continuação do abrandamento da conjuntura que se tem vindo a notar. Embora 42% prevejam uma estabilização da produção, as que acreditam num aumento são menos do que as que receiam uma diminuição, gerando o primeiro saldo de respostas extremas negativo (-6 p.p.) do último ano e meio. As empresas de muito grande dimensão e as empresas totalmente exportadoras são as únicas que continuam a esperar um aumento da produção.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

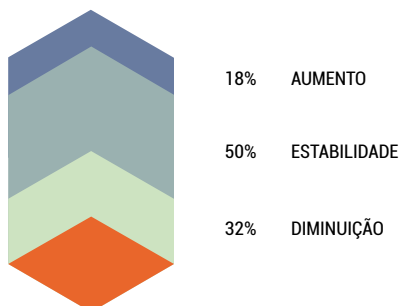


perspetivas de encomendas

As perspetivas para a carteira de encomendas global e do estrangeiro são muito similares: em ambos os casos, cerca de metade das inquiridas prevê estabilidade (48% e 50%, respetivamente). Os saldos de respostas extremas são de -18 p.p. para a carteira global e -14 p.p. para as encomendas do estrangeiro, indicando uma tendência de diminuição. Estes saldos negativos, que não se registavam desde o segundo semestre de 2021, são essencialmente determinados pela antevisão pessimista da generalidade das empresas, qualquer que seja a sua dimensão ou vocação exportadora, com exceção das empresas com mais de 250 trabalhadores e totalmente exportadoras que anteveem um cenário positivo.



PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS

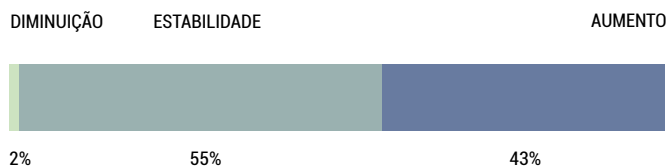


PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

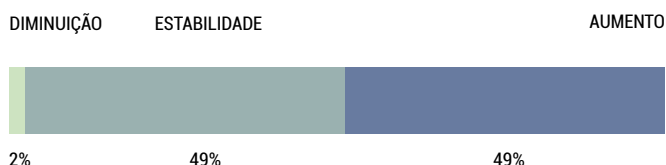
perspetivas de preços de venda

Depois de algum abrandamento no corrente trimestre, as previsões das empresas para o início do ano apontam para uma forte tendência de subida dos preços. Os saldos de respostas extremas são ainda mais elevados do que no trimestre passado: + 41 p.p. para o mercado nacional e + 47 p.p. nos mercados externos. Em ambos os casos apenas 2% das empresas inquiridas acreditam numa diminuição dos preços. No entanto, cerca de metade das empresas acreditam que os preços não se alterarão, tanto em Portugal (55%), como no estrangeiro (49%).

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL



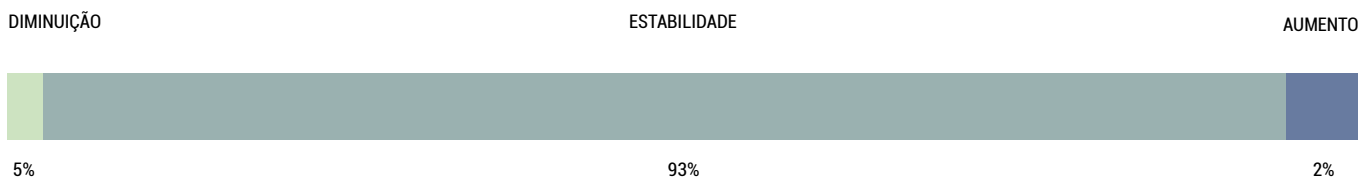
PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



perspetivas sobre o emprego

Quando questionadas sobre a evolução do emprego na indústria, 93% das empresas esperam manter o número de pessoas ao serviço. As que consideram poder aumentar o número de colaboradores excedem em 3 p.p. as que consideram poder vir a diminuir. Embora positivo, este saldo tem vindo a decrescer progressivamente desde o início do ano e é agora o mais baixo desde o início de 2021. Neste ponto, as empresas de pequena dimensão e orientadas para o mercado nacional apresentam saldos favoráveis.

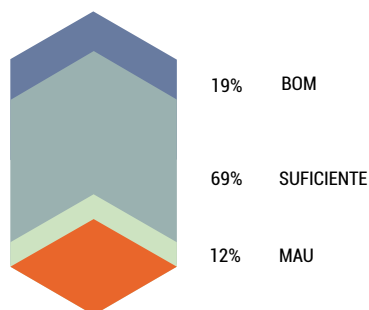
PREVISÃO DE EMPREGO



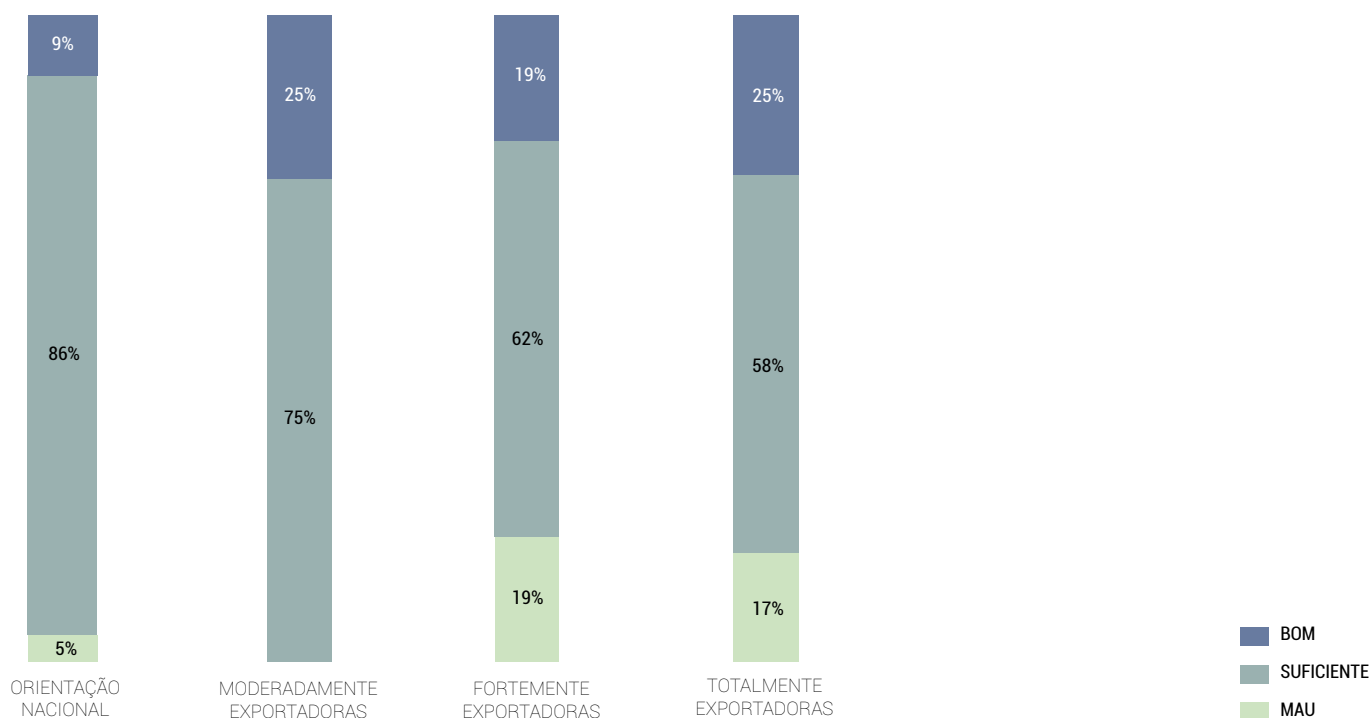
perspetivas sobre o estado dos negócios

As expectativas das empresas relativamente ao estado dos negócios no primeiro trimestre de 2023 mantêm-se favoráveis: 69% das empresas preveem que será suficiente e as que acreditam que será bom excedem em 7 pontos percentuais as que receiam que seja mau. No entanto, quando sondadas para estabelecer uma comparação entre o estado de negócios que esperam para o primeiro trimestre de 2023 e o verificado no trimestre homólogo do ano anterior, o número de empresas que creem que será pior é superior às que julgam o contrário (s.r.e. -15 p.p.). Esta comparação com o trimestre homólogo é a mais desfavorável desde o ano de 2021.

PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS



Excetuando as grandes empresas, o saldo de respostas extremas é positivo para todas as outras e, entre estas, mais favorável para as empregam mais de 250 trabalhadores (s.r.e. +50 p.p.). As empresas que exportam cerca de metade da sua produção preveem resultados mais positivos do que as demais: o saldo de respostas extremas atinge mesmo +25 p.p.

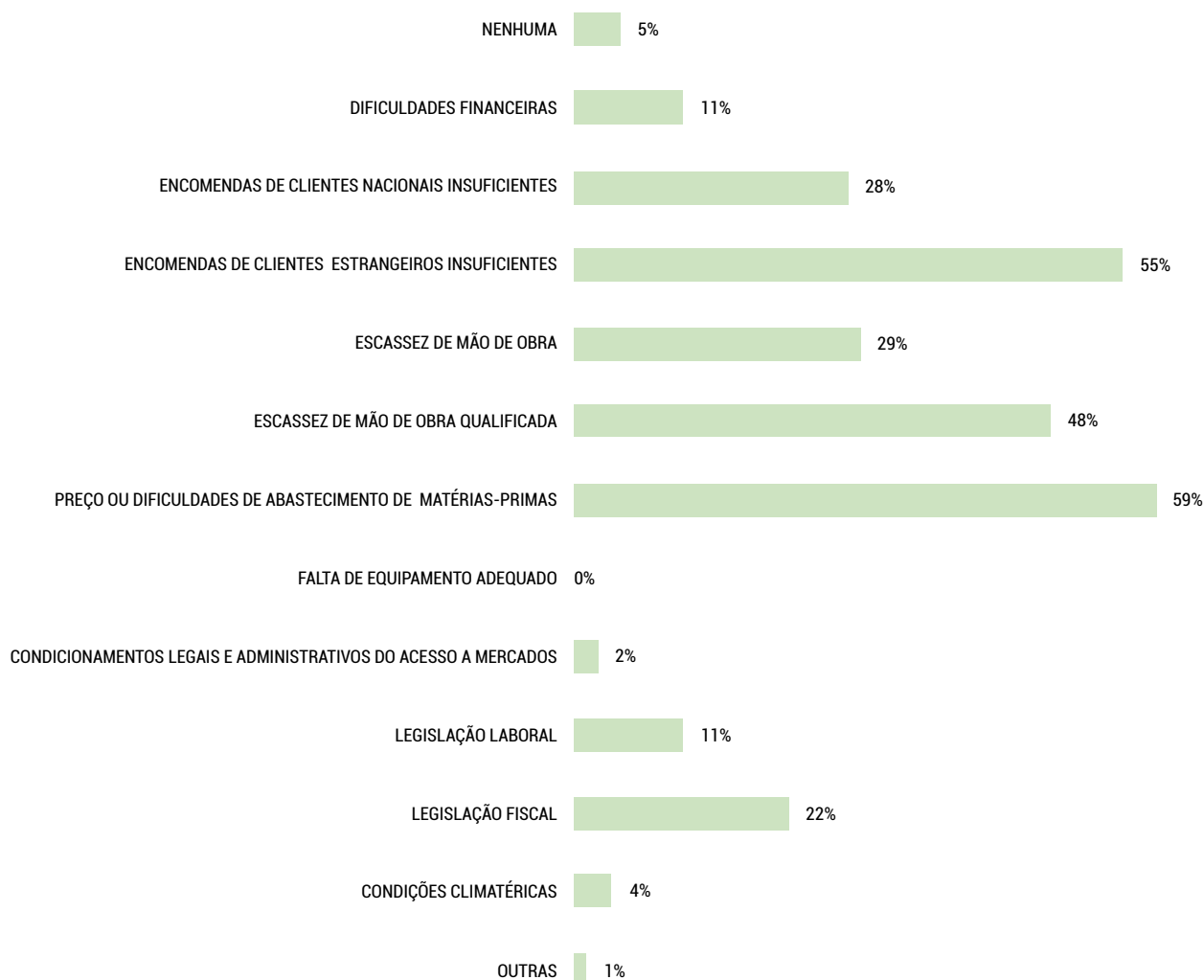


limitações previstas

Para o primeiro trimestre do ano, a limitação receada pelo maior número de empresas continua a ser o preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas que é mencionada por 59% dos inquiridos. No entanto, as referências a esta limitação estão em queda enquanto estão a aumentar as relativas à insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (55%) que, assim, ultrapassam a escassez de mão-de-obra qualificada (48%) e ascendem à segunda posição entre as preocupações previstas pelos empresários. A escassez de encomendas de clientes nacionais regista igualmente um aumento de referências, enquanto há uma queda acentuada no número de empresas que se debatem com escassez de mão-de-obra.

Mais de 20% das empresas (22%) preveem dificuldades relacionadas com a legislação fiscal, o que constitui um recorde nesta matéria.

A percentagem de empresas que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade (5%) no primeiro trimestre de 2023 é inferior às que disseram não as ter sentido no quarto trimestre de 2022 (7%). Diminui em 1 p.p. a preocupação com questões de natureza financeira e legal e também as referências a preocupações relacionadas com o clima e “outras”.



notas de conjuntura

Os dados oficiais corroboram a tendência de abrandamento do crescimento dos preços de calçado que resulta das respostas dos empresários. Embora os dados para a maioria dos países ainda não estejam disponíveis, as estatísticas do Eurostat mostram que, no quarto trimestre de 2022, em Itália, os preços na produção da indústria de calçado aumentaram apenas 1,8%, o crescimento mais reduzido dos últimos dois anos. Em Portugal, os preços terão mesmo descido 1,5%, a primeira variação negativa desde 2020.

As previsões macroeconómicas disponíveis sugerem que, em 2023, a economia portuguesa conseguirá evitar uma recessão, mas registará um crescimento muito diminuto. A taxa de crescimento prevista para o produto interno bruto varia entre um mínimo de 0,7%, de acordo com o FMI e a Comissão Europeia, e um máximo de 1,5%, nas previsões do Banco de Portugal. O consumo privado deverá registar um crescimento ainda mais modesto, com previsões a variar entre 0,2% e 0,7%.

Em janeiro, o NECEP da Universidade Católica Portuguesa publicou a sua análise da conjuntura económica nacional e internacional. De acordo com esta instituição, no último trimestre de 2022:

“Os dados são algo contraditórios, mas a melhor estimativa é que a economia portuguesa tenha contraído cerca de 0.5% face ao terceiro trimestre do mesmo ano, o que corresponde a um crescimento de 2.4% em termos homólogos. No conjunto do ano de 2022, a variação deverá ter sido de 6.5% (...) A zona euro deverá ter crescido 0.1% em cadeia no mesmo trimestre, o que é surpreendente já que, até há pouco tempo, parecia inevitável uma ligeira contração. Em 2022, a zona euro terá crescido 3.4%, ainda sob o efeito do ressalto pós-pandemia que foi travado pela guerra na Ucrânia, pela subida dos preços da energia e por uma taxa de inflação anormalmente elevada (8.4%). (...)”

A economia portuguesa deverá ter um desempenho frágil em 2023, com um intervalo de previsão que vai de uma contração de 1% até uma expansão de 2%, centrado em 0.5%. O investimento apresenta uma dinâmica fraca – deverá ter avançado apenas 2.1% em 2022 – apesar do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). (...) A economia da zona euro deverá ter um comportamento semelhante, com o ponto central do crescimento do PIB em 0.7% e um intervalo compreendido entre uma contração de 0.6% e uma expansão de 2.0%. Há o risco de uma recessão suave, mas esse não parece ser, ainda, o cenário mais provável.”

NECEP/CEA/CLSBE/UCP – Folha Trimestral de Conjuntura n.º 71 (Ano XVIII) – 4.º trimestre 2022

Também em janeiro, o Banco Mundial publicou as suas perspetivas para o corrente ano de 2023:

“Prevê-se que o crescimento global desacelere bruscamente para 1,7% em 2023 – o terceiro ritmo de crescimento mais baixo em quase três décadas, ultrapassado apenas pelas recessões globais causadas pela pandemia e pela crise financeira global. Isto é 1,3 pontos percentuais menos do que as previsões anteriores, refletindo um aperto sincronizado das políticas com o objetivo de conter a inflação muito elevada, a deterioração das condições financeiras e continuadas perturbações resultantes da invasão da Ucrânia pela Federação Russa. Os Estados Unidos, a área euro e a China estão todos a passar por um período de debilidade prolongada e os consequentes impactos estão a exacerbar outros problemas enfrentados

pelos mercados emergentes e economias em desenvolvimento (MEED). É provável que a combinação de fraco crescimento, condições financeiras mais restritivas e elevado endividamento provoque um abrandamento do investimento e desencadeie falências empresariais. Choques negativos adicionais – como uma inflação mais elevada, políticas ainda mais restritivas, stress financeiro, maior debilidade das economias desenvolvidas ou tensões geopolíticas – poderão empurrar a economia global para uma recessão. No curto prazo, são necessários esforços globais urgentes para mitigar os riscos de uma recessão global e de sobre endividamento nos MEED.”

Banco Mundial, *Global Economic Prospects*, janeiro 2023

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

